



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:  
 Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole  
 Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil  
 Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas  
 Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil  
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho  
 Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do  
 Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 7 DE MAIO DE 1966

VISADO PELA CENSURA

## Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

Meu Caro Director:

A prestimosa «Assembleia de Campanhã», desta Invicta, onde vivo, teve a gentileza de me convidar a fazer uma palestra integrada na Semana do Ultramar, deste ano de 1966.

Acedi — e como redigi o texto dessa palestra, envio-lhe, em vez do habitual Aziúme, por me parecer ter certo interesse problemático; os problemas económicos não são literários e devem encarar-se como aquilo que são.

Omito prévias palavras de agradecimento a cumprimentos imerecidos que o presidente da sessão, Sr. Prof. Abílio Castilho, teve a gentileza de me dirigir.

Agradecendo a publicação, creia-me meu Caro Director.

Amigo muito grato,

Falcão Machado

Ao enumerar o espaço português, não pretendo, de modo algum, fazer a injúria, a V. Ex.as, de supor que ignorem qual seja esse espaço e onde se localiza, à superfície do globo.

Pretendo, sômente, proceder com método e avivar uma que outra noção, porventura esquecida.

Por espaço português há que compreender o espaço em que vivem e de que vivem os portugueses, sem subordinar a autoridades legítimas, que não sejam portuguesas.

O espaço português não tem sido constante na duração e na extensão. Inicia-se no século XII com concomitante processo de crescimento que, no século XV, o leva a transbordar da Europa e a expandir-se, durante mais cento e tantos anos, pela África, pela Ásia, pelas Américas, pelas Ilhas do Atlântico, do Índico e, até, do Pacífico.

Detém, por um momento, as rédeas que conduzem o mundo: é «a Hora Universal dos Portugueses».

Depois da sua pletórica expansão, vem de reduzir-se a sua área, já pelo abandono voluntário desta ou daquela parcela, já pela emancipação do território americano, já por outras causas, a que não é estranha a conquista em guerra injusta, por força sem autoridade.

No entanto, parece que se atingiu um sistema de equilíbrio, embora perturbado, aqui e além, por diversas forças ambiciosas, a que tem resistido o que chamávamos a Razão do Direito Português.

O espaço português é extenso e heterogéneo.

Dispersa-se, desde as regiões temperadas às tórridas.

Varia, não só em Latitude e Longitude, como em Altitude e constituição geológica.

Compreende ilhas e áreas continentais.

Abrange planícies litorais, planaltos interiores, serranias elevadas, dominando umas e outras.

É composto por regiões desérticas e pobres, e por majestosas florestas, rodeadas de excelentes campos de cultura, ou de matagais e charnecas.

Tem águas costeiras, ou rios, de abundante riqueza piscícola — e nos sertões e nas matas abriga-se fauna variada, de répteis, aves, mamíferos, mansos, selvagens, bravios, ferozes.

É habitado por alguns milhões de indivíduos de diferentes origens étnicas euro-afrasiáticas, com variável condição de aptidões, de riqueza e

de cultura, mas, tendo de comum o facto de serem portugueses.

Todos, ou quase todos, vivem do espaço português, que também sustenta alguns milhares de estrangeiros — o que nada tem de surpreendente, dado que diversos espaços estrangeiros sustentam alguns milhares de portugueses.

Este é o aspecto económico do espaço português.

Há, sem dúvida, outros aspectos do espaço português, além do económico: o grupo humano português está ligado à área geográfica, também por laços morais e sociais; as distâncias determinam laços de vizinhança, que, por sua vez, implicam modos de administração; alguns acidentes geográficos constituem caminhos de invasão, utilizados através dos séculos, enquanto outros são barreiras, obstáculos, pontos básicos de desistência, natural, em que se apoia uma rede estratégica; a vida mística e a organização eclesiástica em circunscrições diocesanas e salpicaram-no de centros de romaria e culto.

A ligação, porém, que estudamos, nesta palestra com que a Assembleia de Campanhã se digna contribuir para a presente Semana do Ultramar, é a do carácter económico do espaço português: é o primado da matéria servindo o instinto de conservação do indivíduo e da espécie.

O homem, para viver, tem de se alimentar.

Consequentemente, a sociedade que não produz alimentos, está condenada a perecer.

Esta é, de facto, a função primordial. Todas as outras são secundárias.

(Continua na página 4)

## FUGA DE CAPITALAIS

por ANTÓNIO REGO

Depois da fuga dos trabalhadores para o estrangeiro, começou agora a dos capitais. O ilustre deputado Santos da Cunha, na sua última intervenção na Assembleia Nacional, denunciou o facto como um terrível mal para a nossa economia, devido ao volume da cifra, cerca de dois milhões de contos, até ao momento. Sabemos e sempre assim foi, que o capital procura a melhor remuneração e não tem Pátria. Será, pois, muito difícil evitar totalmente a sua saída, mesmo que se imponham medidas drásticas.

Não há, propriamente, desconfiança no escudo. Há sim, falta de compensação nos seus investimentos. Vamos tentar explicar o fenómeno. Em primeiro lugar, a redução dos juros nos depósitos bancários. Segue-se o limitado dividendo dos papéis e acções das empresas. Que resta ao capitalista, especialmente ao médio capitalista? Adquirir terras? Mas todos sabem a situação deplorável em que vive a lavoura e ninguém se arroja a colocar o seu pecúlio em tão miserável negócio. A indústria tem tido ultimamente um surto de desenvolvimento, começa já a notar-se certa sa-

## MONUMENTO A JOÃO DUARTE

Sabíamos perfeitamente que a notícia da abertura de uma subscrição pública para a arrecadação de fundos destinados a erguer numa das praças de Barcelos um monumento ao que foi grande industrial e homem de bem de Barcelos, João Duarte, teria logo adesões espontâneas, mas estávamos longe de supor que fossem tantas e tão valiosas.

No último número assinalamos nestas colunas os donativos de 7.500\$00 do comerciante de Viana do Castelo, Sr. Eugénio Pinheiro; um de mil do barcelense, Sr. Dr. José Ferreira Gomes; outro de 4.000\$00 do comerciante de Viana do Castelo, Sr. Dr. José Ferreira Gomes; outro de 4.000\$00 do comerciante de Viana do Castelo, Sr. Dr. José Ferreira Gomes; outros donativos mais pequenos se referiram. Hoje registamos o donativo do Sr. Teófilo Eduardo de Sá, barcelense residente no Porto, que assim presta o seu contributo para erguer o monumento condigno ao saudoso industrial, Sr. João Duarte.

Continuação da Subscrição  
 Manuel A. R. Rodrigues . . . 70\$00  
 Maria de F. R. Rodrigues . . . 27\$00

## O Grémio da Lavoura local

e o seu Relatório de Contas de 1965

Só agora pudemos debruçar-nos sobre o relatório, balanço e contas desta entidade, referente ao ano transacto.

Não vamos fazer análise a cada uma das rubricas expressas, mas também não nos dispensamos, e a bem da Lavoura, de algumas consi-

derações que possam ajudar ou exortar a esclarecer os sócios.

Já sabemos que esta associação de Grémios, transcende a velha técnica doutras associações, porquanto, é obrigatória e de problemática, quanto aos sócios.

A segunda circunstância não pertence às propriedades essenciais do organismo, pois, suporta aquela «obrigatoriedade» sai-lhe espontânea quase como o vinho da uva; uma consequência, embora não um fruto, já que há excepções.

Ao analisarmos as referidas contas temos um aspecto geral do movimento do Grémio que uns poderão chamar de grande, de proveitoso e útil e que nós teimamos em aceitar, à falta de melhor.

Da linguagem usada, mais nos parece lidar-mos com uma associação bancária do que com um organismo

de auxílio e fomento à mais atrazada das classes sociais — a Lavoura.

Até no remate, o saldo aproximado dos 143 contos teima em fazer-nos crer mais na ideia citada.

E vai a 1.ª pergunta:

Dado aquele saldo, não poderiam ser atenuados os encargos à Lavoura? Ou então, mais ajudada?

Ao pórtico das contas vem uma exortação que merece aplauso: Aumento de ordenado ao pessoal. Sem dúvida! Pessoal mal pago é pessoal sem eficiência, o que, aliás, é facto.

O saldo referido fará cobrar ânimo aos procuradores mais agarrados para que digam sim.

E por procuradores:

Com excepções, quantos entenderão a terminologia das contas?

(Continua na página 4)

## Artistas Barcelenses

### O Pintor Cândido da Cunha

Por Miranda de Andrade

Seu nome completo era António Cândido da Cunha e nasceu em Barcelos no ano de 1876. Destinado por seu pai à vida Comercial, alguém chamou a atenção paterna para a vocação natural do rapazito, que desenhava constantemente, satisfazendo desse modo uma necessidade profunda do seu ser. Convenceu-se o pai e mandou-o frequentar a Academia Portuense de Belas-Artes, onde fez o curso de Pintura, subsidiado pelo bolso particular do Rei D. Carlos, também artista e também pintor. A mesma bolsa do soberano permitiu-lhe fazer estudos no estrangeiro, em Paris, tendo frequentado a Academia

Julian, onde teve como professores João Paulo Laurens e Benjamin Constant, que o distinguiram com um prémio num concurso. Mas o melhor prémio foi a honra que lhe deram, de exporem, no «Salon de 1898», a sua obra Viático, «uma impressão de noite, realizada com grande espiritualidade e beleza cromática», — quadro exposto também no Porto e na Exposição Universal de Paris, e que se perdeu no naufrágio do vapor que o transportava.

O simples título de diversos quadros de Cândido da Cunha dá logo ideia da sua pintura e

(Continua na página 4)

(Continua na página 4)



# Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. Jaime Cruz

**Pensamento** — «Sê sempre e em toda a parte um raio de sol a iluminar quantos vivam na sombra da tristeza.»

**Dia 8 de Maio** — IV Domingo depois da Páscoa, Missa própria, Credo Prefácio da Páscoa. Paramentos brancos.

EVANGELHO  
(S. João, XVI, 5114)

*Naquele tempo, disse Jesus aos Seus discípulos: — «Vou para Aquele que Me enviou e nenhum de vós Me pergunta: «Para onde vais? Mas porque vos disse estas coisas, o vosso coração enche-se de tristeza. Mas Eu digo-vos a verdade, E melhor para vós que Eu vá. Porque se não Me for, não virá a vós o Paracletos; mas, se for, mandar-vos-lo-ei.*

*E Ele, quando vier, convencerá o mundo de pecado, de justiça e de juízo. De pecado, porque não crêem em Mim; de justiça, porque vou para o Pai, e não Me vereis mais; de juízo, porque o príncipe deste mundo está condenado. Tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas, por ora, não podeis com elas. Mas, quando Ele vier, o Espírito de verdade, guiar-vos-á a toda a verdade; porque não falará de própria iniciativa, mas dirá quanto ouviri, e anunciar-vos-á o futuro. Ele Me glorificará, porque receberá do que é Meu e vo-lo anunciará.»*

REFLEXÃO

Tornados novas criaturas pela Páscoa do Senhor, havemos verificado ser a alegria cristã uma das constantes fundamentais do homem que se deixou tomar por Cristo. Tão ansiada pelo homem moderno, que a busca fora das fontes genuínas, alegria é, ao mesmo tempo, um dom e uma conquista. Resultado da vitória sobre as forças do mal e, consequentemente, da presença actuante de Deus, exige uma atenção constante e um esforço nunca interrompido. É uma força de acção, um princípio de luta, nunca algo em que nos ficamos de braços cruzados.

A oração da missa de hoje afirma consistir a verdadeira alegria em amar o que Deus manda e desejar o que Ele promete.

Alegria e ser novo, feito de fidelidade a Deus, à semelhança de Jesus que se entregou até à morte e por isso foi exaltado pela Ressurreição, são realidades inseparáveis.

O júbilo intenso que domina a alma dos Apóstolos após a Páscoa, procura Jesus purificá-lo cada vez mais. Lembra-lhes que os vai deixar sem aquela presença física que fora o seu enlevo, mas que em compensação enviar-lhes-á o Espírito Consolador.

A fé deve fazer-lhes descobrir um outro modo de presença, a presença espiritual, própria do mundo novo animado por Deus. Ao lado, um outro mundo que não compreende este, porque destituído do luzeiro da fé. Daqui o esforço e a luta.

A vitória está, evidentemente, do lado de Deus, mas cá na terra combater será sempre o lema de vida.

Para levarmos a bom termo esta obra da nossa transformação espiritual, é-nos oferecida a Palavra Divina e o dom do Espírito. Palavra que, como diz S. Tiago na Epístola, é preciso fazer desabrochar em obras de amor ao Senhor e ao próximo. E ela, tornada assim lema de acção e princípio de vida, que nos fará triunfantes no juízo que Deus instaurará.

Afinal, é através de todas as oposições e tentações do mundo que se constrói um mundo novo, — o da fidelidade a Deus, aquele que a Páscoa inaugurou. E renunciando-nos que encontramos a Deus e deixamos ao Espírito Santo a possibilidade de agir.

Na Santa Missa realiza-se, por excelência, nossa configuração com Cristo.

Participando dignamente da Palavra, ministrada na primeira parte, e recebendo o Pão Eucarístico, passamos sem cessar da nossa condição de pecador à de penitente. O caminho luminoso, apontado pela Palavra do Senhor, pode ser percorrido graças à força de que a Eucaristia é princípio.

É aqui também, na Assembleia Litúrgica, que radica a mais autêntica alegria.

Não será precisamente porque vivemos tão superficialmente a Santa Missa e somos tão pouco amantes da Sagrada Comunhão que a nossa alegria é tão efêmera e não reveste o carácter de entrega generosa a Deus e aos homens?

## MINHA SENHORA!

Poderá pôr fim ao problema do vestuário dos familiares, confiando-o aos cuidados da mais antiga Lavandaria de Barcelos.

Campo 5 de Outubro, 38-A  
(junto ao Jardim Velho)  
BARCELOS

## OBITUÁRIO

### Aires de Sá Felgueiras Machado

Na sua vivenda solarenga da Quinta do Xisto, na freguesia de Viadós, faleceu em 29 de Abril, o Sr. Aires de Sá Felgueiras Machado, representante da antiga família nobre dos Felgueiras e Sás, Senhores da Quinta de Minhotães e da Casa e Quinta do Xisto, casado com a Ex.ma Sr.ª D. Laura Pinto Felgueiras Machado.

O ilustre finado era pai das Srs. D. Aurora de Sá Felgueiras Machado, casada com o Sr. Miguel Ferreira da Silva; D. Maria da Conceição Pinto Felgueiras Machado, casada com o Sr. Manuel Bezerra Alves Carneiro; D. Amélia Pinto Felgueiras Machado; e de D. Alzira Felgueiras Machado, casada com o Sr. Dr. José Garcia de Carvalho Azevedo; e dos Senhores, José Maria de Sá Felgueiras Machado, casado com a Sr.ª D. Adelaide de Oliveira Felgueiras Machado, e de João Pinto Felgueiras Machado, casado com a Sr.ª D. Maria Helena Pimentel de Carvalho.

A família enlutada «O Barcelense» envia sentidos pesames.

## FERNANDO MACHADO DA SILVA

FERNANDO

Lanifícios, Fazendas Brancas, Malhas, Miudezas, Camisas e Guarda-sóis.

RUA BARJONA DE FREITAS, 65 a 67  
Telefone 82836

Junto ao Mercado

BARCELOS

## Joaquim Alves Coutinho & Filhos, L.ª

ARMEIROS

ESTABELECIMENTO DE FERRO, FERRAGENS, TINTAS E VIDROS • ARTIGOS DE CAÇA E PESCA • ARMAS DE CAÇA DE VÁRIAS PROCEDÊNCIAS.

Agente no concelho de Barcelos dos afamados carros de pesca Franceses marca BRETON

Av. Dr. Oliveira Salazar, 74 a 79

Rua Cândido dos Reis, 2 a 4

TELEFONE 82501  
BARCELOS

## Rodrigues, Carvalho & Arantes, Limitada

Por escritura de 20 de Abril de 1966, lavrada a folhas 34 v.º do livro n.º 18 do 2.º cartório notarial da Póvoa de Varzim, foi constituída esta Sociedade entre os sócios: António Dias Rodrigues; Delfim Miranda Carvalho e Adelinho Gomes Arantes, todos casados, residentes na freguesia de Milhazes, do concelho de Barcelos, a qual se rege pelos seguintes artigos:

### Artigo 1.º

A sociedade adopta a firma «RODRIGUES, CARVALHO & ARANTES, LIMITADA», tem a sua sede no lugar de Cardal, da freguesia de Milhazes, do concelho de Barcelos, e poderá estabelecer filiais ou delegações onde lhe convier, precedendo de deliberação da assembleia geral.

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 7-5-1966, no n.º 2868

### Tribunal Judicial de Barcelos (SECRETARIA)

### EDITOS DE 30 DIAS

#### 1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que nos autos de acção com processo especial da justificação de ausência e da qualidade de herdeiro, distribuída à primeira secção deste Juízo, correm éditos de trinta dias, citando os interessados incertos, para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o prazo daqueles éditos, que se contará da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo, o pedido feito nesses autos, nos quais se pede que seja julgada justificada a ausência por mais de vinte anos, presumindo-se mortos, de António Ledo de Carvalho e José Ledo de Carvalho, ambos solteiros, maiores, ausentes em parte incerta, e com os seus últimos domicílios na freguesia de Alvito São Martinho, desta comarca, e que seja julgado habilitado como seu único e universal herdeiro, seu irmão germano e requerente da mesma acção, Joaquim Ledo de Carvalho, solteiro, maior, agricultor, da referida freguesia de Alvito São Martinho, entregando-se-lhe em consequência, todos os seus bens, sem dependência de qualquer caução. Barcelos, 28 de Abril de 1966.

O Escrivão de Direito,  
Aires Augusto da Silva

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,  
João Carlos Afonso da Rocha

### Artigo 2.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de 1 de Maio do ano corrente.

### Artigo 3.º

O objecto social consiste no exercício das indústrias de serração de madeiras e de moagem de cereais, podendo explorar qualquer ramo de comércio, ou outra indústria, dentro dos limites legais, se assim o deliberar.

### Artigo 4.º

O capital social é de 180 contos e corresponde à soma de três quotas de 60 contos cada uma, pertencendo uma a cada sócio e encontrando-se todas integralmente realizadas, em dinheiro.

### Artigo 5.º

N.º 1 — Fica livremente autorizada a divisão de quotas para o efeito de cessão de qualquer parcela a favor de algum sócio, bem como a divisão de quotas entre os herdeiros de sócio falecido.

N.º 2 — A cessão de quotas a estranhos depende de autorização da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência na aquisição.

N.º 3 — Se a sociedade autorizar a cessão, mas não quiser preferir, poderá fazê-lo qualquer dos sócios; e, se mais de um sócio quiser preferir, será a quota dividida, em partes iguais, entre os pretendentes.

### Artigo 6.º

N.º 1 — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios, que dividirão entre si os respectivos serviços.

N.º 2 — Para que a sociedade fique obrigada ou esteja devidamente representada em juízo activa ou passivamente, é necessária a intervenção de dois gerentes nos respectivos actos e documentos.

N.º 3 — A aquisição e alienação de bens mobiliários e imobiliários, incluindo veículos automóveis ligeiros ou pesados, será válida com a intervenção de dois gerentes.

N.º 4 — O gerente que, em nome da sociedade, assumir obrigações a ela estranhas, tais como fianças, abonações, vales, e letras de favor, responderá individualmente pelas obrigações que contrair e pagará à sociedade, como pena convencional, importância igual à que figurar nos títulos das obrigações assumidas.

### Artigo 7.º

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas, por qualquer dos sócios, por meio de cartas registadas dirigidas aos outros sócios com a antecedência mínima de dez dias.

### Artigo 8.º

No caso de falecimento de um sócio, os seus herdeiros nomearão um só para os representar a todos na sociedade enquanto a quota se mantiver no estado de individualidade.

Secretaria Notarial da Póvoa de Varzim, vinte de Abril de mil novecentos e sessenta e seis.

O Notário do Segundo Cartório,  
Joaquim António Maria Moreira  
Cancela

## FAZEM ANOS

No dia 11 ocorre o aniversário do nosso amigo Sr. Alexandre de Castro, competente técnico da Garagem Castro, desta cidade, motivo porque «O Barcelense» lhe endereça muitos parabéns.

— Na próxima quinta-feira completa 30 anos, o Sr. Adelinho Gomes de Sá, estimado G. N. R.

Felicidades e longos anos de vida. — No dia 13 estará em festa o lar do Sr. Duarte Matos dos Santos, da freguesia de Fornelos. Felicitações.

## Visitas de cumprimentos

Durante as Festas das Cruzes, visitaram esta redacção para apresentar cumprimentos, as Bandas de Música dos Escuteiros de Barroelas, e da Casa dos Rapazes de Barcelos, tocando em frente da nossa redacção alguns trechos do seu vasto e bem apetrechado repertório.

Aos maestros destas bandas musicais, que nas mesmas festas tiveram actuação destacada, «O Barcelense» agradece a atenção da visita, desejando os maiores êxitos nas suas futuras actuações.

## DATA LUTUOSA

PLÁCIDO LAMELA

Passou no dia 4 o primeiro aniversário do falecimento do venerando e estimado barcelense, Sr. Plácido Elias Barbosa Lamela, que foi figura destacada na nossa terra farmacêutico muito considerado, e antigo Tesoureiro da nossa Câmara Municipal, durante muitos anos.

«O Barcelense» ao recordar a sua memória roga uma oração pelo seu eterno descanso.

## Casal

Precisa-se de um casal para tratar de uma quinta.  
Informa esta redacção.

A Química ao serviço da Indústria Têxtil



Na tintura de fibras de POLIÉSTER deram óptimos resultados os

Corantes ® PALANIL

concebidos propositadamente pela BASF para este fim

A importuna electricidade estática evita-se com a aplicação duma das

marcas ® SOROMIN

recomendadas como "antiestáticos"

Informações pormenorizadas serão prestadas pelos serviços técnicos da BASF

BASF PORTUGUESA, S.A.R.L. ® - Marca registada



# PELO CONCELHO Igreja e Confraria de S. José ESCUTISMO

## ALVELOS

**Casamento** — Celebrou-se na igreja paroquial no dia 16 de Abril, o enlace matrimonial do Sr. José Martins da Costa, operário fabril, filho do Sr. António Pereira da Costa, assinante do jornal «O Barcelense», com a Sr.<sup>a</sup> Maria Brazelina Ferreira da Silva, filha do Sr. António Fernandes da Silva, ambos desta freguesia. Foi celebrante o nosso Reverendo Pároco.

A estes noivos desejamos-lhes muitas felicidades no seu novo lar, e merecem palavras de louvor por se ter conservado até à idade de adultos pertencendo à J.A.C. e, ainda ela por ser zeladora do altar de Nossa Senhora das Dores e pertencer ao grupo coral da sua igreja.

**Férias da Páscoa** — Esteve na Quinta da Cachada durante as férias da Páscoa, a gentil menina estudante da Universidade da cidade do Porto, Sr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Martins Ferreira, filha do nosso amigo Sr. Amadeu da Silva Ferreira, muito considerado proprietário desta freguesia.

**Desporto** — No passado dia 11 de Abril, foi ganha mais uma vitória pelo grupo F. C. Aguias de Alvelos, no encontro realizado no campo de jogos de António José Longras, com o grupo F. C. de Negreiros.

Antes do encontro foi descerada uma lápide comemorativa e de homenagem ao Sr. António José Longras, tendo havido também diversos divertimentos conforme foi anunciado.

**De visita à sua família** — Esteve nesta freguesia na Festa da Páscoa com a sua família a Sr.<sup>a</sup> Ermelinda Torres Vieira, vinda do Sanatório do Caramulo, que parece ter ganhado muitas melhoras com o internamento naquela instituição.

**Falecimentos** — Faleceu no Hospital de Barcelos, no dia 7 de Abril, Virginia Gomes Portela, de 79 anos de idade, desta freguesia.

O seu cadáver foi sepultado no cemitério da cidade de Barcelos.

Também faleceu no dia 16 de Abril, a Sr.<sup>a</sup> Josefina Rosa de Oliveira, de 66 anos, viúva, residente e natural desta freguesia.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério paroquial.

## PERELHAL

**Domingo de Páscoa** — Todo o povo desta terra exultou de alegria no Senhor em dia de tão grande jubilo ao receberem adentro das suas humildes habitações a Visita Pascal, acompanhada e dirigida com proficiência pelo nosso digníssimo Pároco Rev.<sup>o</sup> Padre Manuel do Vale Meira que pela primeira vez percorreu a freguesia a apresentar cumprimentos de boas-festas aos seus paroquianos e fé-lo com um gesto verdadeiramente simpático, edificante. Aqui e além encontrava-se rodeado de crianças na conquista das amêndoas, santinhos, etc., mas não hesitou em gastar com as mesmas alguns quilos daquele sabroso produto. Sempre bem disposto, sorridente, criou assim um ambiente de grande simpatia, de festa toda brilhante, comunitária que a todos satisfizes plenamente.

A visita teve o seu início pelas 9 horas da manhã e terminou como era já de esperar, um pouco pela noite, porque num percurso de 289 fogos, e com raras excepções e ainda porque alguns lugares são bastante distanciados, torna-se quase impossível satisfazer num só dia. No entanto tudo decorreu com verdadeira ordem, paz e disciplina.

**Missa a Nossa Senhora do Alívio** — Na chegada a esta freguesia, o soldado Domingos Campos Ribeiro vindo do Ultramar Português, mandou celebrar no Santuário de Nossa Senhora do Alívio, no passado dia 12 de Abril, missa cantada em acção de graças pela protecção que Nossa Senhora he dispensou durante o tempo em que se encontrava a cumprir a sua nobre missão em defesa da Pátria. Para dar motivos da sua alegria não faltaram também os respectivos e já acostumados foguetes. Parabéns.

**Falecimento** — Depois de ter passado por um período de atroz sofrimento em consequência de uma enfermidade de origem cancerosa, faleceu no dia 9 do passado mês de Abril, a Sr.<sup>a</sup> Celeste Alves Pereira. Que descanse em paz.

## MINHOTÃES

Embora bastante prejudicada pela chuva, decorreu com pompa desusada, no passado dia 10 de Abril, a Visita Pascal.

As 23 horas do dia 9, procedeu-se ao cerimonial da bênção da Pia Baptismal e do Lume Novo, após o que se seguiu Missa da Ressurreição. Ao ser iniciado o canto da Glória, repicaram os sinos e estrealaram foguetes, o que já não se ouvia neste dia, acerca de cinco anos. Isto se deve à substituição do Mordomo da Cruz que passou a ser o Sr. Alípio Ferreira Morais da Cunha. A propósito desta substituição, seria muito interessante que se verificasse todos os anos, à semelhança do que se faz nas outras freguesias. No dia 10, às 6,30 horas, foi celebrada a Missa da Aurora, tendo o

Compasso saído cerca das 9 horas. O regresso verificou-se por volta das 21,40 horas, o que, diga-se de passagem, não se justifica numa freguesia tão pequena como esta.

Durante a visita, recolheram-se esmolas para a conclusão da Nova Igreja Paroquial.

Aqui fica, além da recordação de um dia alegre, uma palavra de parabéns ao brioso Mordomo, que procurou avivar velhas práticas, que vão caindo em desuso, por culpa de pessoas pouco devotadas ao desempenho da missão de que são investidas.

## ALDREU

**Falecimentos** — No dia 24 de Abril, no lugar da Boavista, faleceu com 77 anos de idade, o Sr. Leopoldino de Silva Razão, viúvo da Sr.<sup>a</sup> Ana Baptista e pai dos Srs.: Manuel, Luís Silvério, Roberto e António da Silva Razão.

No dia 25 do mesmo mês de Abril, faleceu no lugar da Madorra, com 63 anos de idade, o Sr. António Ribeiro da Cruz, era casado com a Sr.<sup>a</sup> Adelaide Ribeiro e pai das Sras. Maria e Albina Ribeiro da Cruz e dos Srs.: Domingos, Avelino e Benjamim Ribeiro da Cruz.

As famílias enlutadas, o correspondente de «O Barcelense», desta freguesia apresenta sentidas condolências e faz preces a Deus para que as almas de tão dedicadas pessoas descansem em Paz.

**Casamento** — No dia 17 do mês passado realizaram o seu casamento na Igreja de S. Romão do Neiva (Viana do Castelo) o nosso conterrâneo Sr. Cândido Fernandes da Silva, com a Sr.<sup>a</sup> Almerinda Rodrigues da Silva. Ao novo lar desejamos votos de felicidade.

**Residência Paroquial** — Como há tempos nos referimos em número deste jornal, Aldreu vai ter uma nova residência. Esta com quinze metros de comprimento por dez de largura, rés-do-chão e primeiro andar, será um orgulho para o povo desta terra sobretudo por o local aonde esta ficará situada.

A base de licitação é de cento e setenta e cinco mil escudos. Foi entregue como era de esperar ao construtor da terra, Sr. Romão Domingues, assim era da vontade de todos em especial das autoridades.

**Baptizado** — No passado dia 3 de Abril recebeu as águas do sagrado baptismo o filho da Sr.<sup>a</sup> Cândida Alves das Dores e do Sr. Domingos Rodrigues Poças, assimante deste jornal.

Ao recém-nascido, foi posto o nome de Manuel António. Os nossos parabéns.

## AIRÓ

**Data para recordar** — Fez precisamente no passado dia 17 de Abril, um ano que tomei — a pedido dum amigo — o compromisso de enviar correspondência desta freguesia para este Semanário Regionalista «O Barcelense» a fim de que Airó se tornasse mais conhecida. Ora, é bem verdade que não tenho agradado a todos os que o têm lido, mas também é verdade que, por mais que se faça para agradar, mais aborrecemos. Mas não é isso que me faz desanimar ainda, porque ninguém mais que nós desejaria praticar o bem como o fez Cristo na Terra, e além disso, foi tido como um malfeitor a ponto de o ódio ser mortal. Por isso mesmo, enquanto eu encontrar, como assim tem acontecido, ao meu dispor o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Rogério Domingos da Costa Carvalho, digníssimo Director e Editor deste jornal, jamais cessarei de mencionar notícias e abordar (dentro das minhas possibilidades) nesta secção de «Pelo Concelho», problemas de interesse de Airó como sempre o tenho procurado fazer, com a minha frágil inteligência de humilde homem da aldeia. Por isso, a todos os leitores e assinantes, e em especial ao actual Sr. Director, eu envio o meu muito e muito obrigado pela amável atenção que me tem dispensado.

**Visita Pascal** — Decorreu na forma do costume a Visita Pascal nesta freguesia a qual foi feita por o Pároco, Rev.<sup>o</sup> P.e Manuel da Silva Lima, agraciada no fim com calorosas palavras de agradecimento pela maneira como foram carinhosamente recebidos. Estão de parabéns também os mordomos que são os Srs.: Adelino Ferreira da Costa com a Cruz e Joaquim da Silva Coelho com a caldeira, pela maneira como se tornaram célebres na história da Visita Pascal em Airó, com o seu luzido foguetório nunca visto em Airó.

**Boa Nova** — O povo desta freguesia de Airó, aguarda radiante de alegria, o dia de ver a iniciativa tornada em realidade, quanto aos fontenários públicos. Pois já foi aberta a vala e nela estendido o tubo de plástico para o fontenário que ficará no Largo do Cruzeiro. Foi tal o contentamento do povo, que quase todas as famílias que irão ser beneficiadas, se fizeram representar a abrir a dita vala juntamente com os cantoneiros da Câmara. A maneira que forem prosseguindo as obras, daremos mais informes.

Há sete anos exactos que me encontro à frente dos destinos espirituais desta Confraria e do templo cidadão em que ela se encontra a funcionar.

Só agora me é possível embrenhar-me nos seus documentos e nos pergaminhos quase ilegíveis para estudar cronologicamente esta Associação religiosa de Barcelos, bem como a igreja em que se encontra erecta, a qual tinha por titular Santa Maria Madalena, mas que hoje se denomina «Igreja ou Capela de S. José».

Os confrades e barcelenses sentirão natural prazer em saber das andanças remotas desta sua Confraria e igreja que todos deveras estimamos, desejando a sua pujança espiritual e vitalidade progressiva.

**Igreja de Santa Maria Madalena** — Quanto à construção deste templo, não será fácil descobrir a data certa. Encontra-se numa pedra, gravado a cizel, o ano de 1682, data que não fora escrita por mero prazer ou por diversão. Mas é possível que este templo seja ainda mais antigo porque essa inscrição poderia ser posterior à data da sua construção inicial. Foi construído em honra de Santa Maria Madalena como o prova a sua imagem de pedra, daquela época, que se ostenta em nicho próprio, exterior, no frontispício da mesma igreja, sem dúvida desde a sua origem. Em madeira outra antiga imagem da Santa se encontra ao lado direito do altar-mor, que é liturgicamente o lugar próprio do patrono principal de qualquer templo.

Foi esta pequena igreja que deu o nome, em tempos distantes, ao largo em que está situada, que era o «largo de Santa Maria Madalena», passando depois a chamar-se «campo de S. José» antes do actual nome que lhe é atribuído. Também deu o nome à «Rua da Madalena», ali contigua em frente, a qual ainda hoje é popularmente conhecida por esse nome, não obstante na tableta da esquina se ler «Rua de D. Maria Pia».

Deste templo nada mais consta no arquivo até à gerência da penúltima Mesa da Confraria, em que aparece o caderno de encargos dos grandes melhoramentos dos telhados novos que ainda se encontram em bom estado.

Quando ao culto de Santa Maria Madalena no seu templo barcelense, apenas encontramos um livro iniciado em 1928 que regista o movimento do «Coro de Santa Maria Madalena», formado por sacerdotes que diariamente ao princípio e depois diversas vezes por semana, ali iam cantar e rezar o divino ofício, como se duma catedral e seu cabido se tratasse. Desse coro fazia parte o Rev.<sup>o</sup> Sr. Padre Bonifácio Lamela de saudosa memória.

**Confraria de S. José** — A criação desta confraria esvai-se no negrume dos tempos, não sendo possível definir-se com exactidão a data da sua erecção. Os primitivos estatutos não se encontram, nem qualquer alusão à sua data. Apenas existe um livro de «Reforma dos Estatutos», manuscrito com belas luminuras enfeitado, que data de 1783, mas não diz nada da data da erecção da Confraria, que se efectuou com a aprovação de outros estatutos primitivos, que este livro supõe mas não menciona, o que é muita pena.

Pendente na sacristia existe um grande quadro, em estilo da época, do qual constam os privilégios concedidos pela Santa Sé aos irmãos desta confraria de nomeada, e data de 1762.

Continuando a recuar no tempo encontramos no arquivo um livro de registo de irmãos que foi iniciado em 1750. Será este o primeiro livro de registo da confraria de S. José, e seria portanto ela erigida oficialmente neste ano?

Incógnita. Seria logo de início criada nesta igreja de Santa Maria Madalena, ou para ela seria transferida como sucedeu com a de Nossa Senhora do Terço? Incógnita. Não constando nada em contrário termos de partir do princípio de que foi ali erecta.

O nome da igreja, no correr dos tempos sofreu metamorfose, e passou mais tarde a denominar-se «Igreja ou Capela de S. José» por causa da confraria deste nome que ali se instalou, como se deu na igreja do Terço e já foi referido. Encontram-se livros de actas muito antigos e de muito difícil leitura pela acção delérea do tempo.

Existem volumosos livros de registo de irmãos, sendo o último, ainda em vigor, iniciado e rubricado pelo punho do saudoso Sr. João Duarte, quando era juiz da Confraria, com data de 1928. A volta de 1949 teria-se demitido a Mesa a que presidira o Sr. Cónego Gaiolas. Até essa data vêm-se dois pequenos livros, o movimento das receitas de oratórios domiciliários da Senhora de Fátima e a conta corrente da confraria.

Desde então nada mais se encontra. Inclusive não aparecem os livros de actas e de contas ainda em vigor, que poderiam dizer alguma coisa das gestas das últimas dezenas de anos deste século em branco no arquivo da confraria. Esta já vai a caminho pelo menos dos trezentos anos de vida, e até por isso nos deve merecer toda a veneração e respeito.

Todos nós, velhos e novos, pequenos e grandes, temos o sagrado dever de usar para com ela atitudes reverentes e honestas, correctas e dignas, que enobrecem tão venerável Irmandade e nos dignifiquem a nós, estejamos ao seu serviço ou não.

**Apresentação** — Resta-me saudar carinhosamente todos os confrades de S. José e todos os barcelenses. A todos apresento a nova Mesa ou Comissão Administrativa, nomeada em 30 de Janeiro passado, a qual tomou posse em 13 de Março deste ano corrente, a bem desta veneranda Confraria de S. José cuja história vimos em duas pinceladas:

Presidente ou juiz: *Joaquim Domingues de Almeida*; Secretário: *António dos Santos Araújo*; Tesoureiro: *José Fernando da Cunha Ferreira*.

Vogais e Substitutos: Vice-Presidente: *Cândido Neiva de Oliveira Maciel*; Vice-Secretário: *António Duarte Ferreira Pedras*; Vice-Tesoureiro: *António da Silva Fernandes (Socorro)*.

Estes homens, animados da melhor boa vontade, propõem-se cuidar a sério do templo e confraria que, no material, lhe foram confiados.

De todos os confrades e barcelenses esperam compreensão, boa vontade e ajuda, em benefício dum Obra a caminho de trezentos e quatrocentos anos, que na sua respeitável velhice muito dignifica Barcelos.

A nossa geração compete prosseguir-la e entregá-la condignamente aos vindouros, conservando-a até lá com brio e baírrismo vinceados. Eles, os novos Mesários, estão na disposição de visitarem discretamente os barcelenses e confrades em suas casas, numa saudação amiga, numa campanha de inscrição de novos irmãos e de angariação de receitas que lhes permitam bem poder administrar, em progresso e asseio constantes, uma Obra que é de todos.

Seria necessário que todos os irmãos comessem a dar um anual mínimo de dez escudos quando possível, criando-se o anual de *irmãos benfeitores* para os que puderem e desejarem prestar melhores auxílios, que S. José e Santa Maria Madalena saberão recompensar.

**Obras Efectuadas** — Logo após a sua posse decidiram os novos Mesários dirigir-se aos confrades e barcelenses, pedindo ajuda para as obras, que eram necessárias na Igreja de S. José, e felizmente já se realizaram. Começaram por bater à porta do Sr. João Duarte, cuja perda ainda nos faz sangrar o coração. E aquele barcelense, cem por cento bom, dispensou-os de irem bater a outras portas, prontificando-se a mandar executar todas as obras por amor de S. José, de quem era fervoroso devoto. O Santo Patriarca lhe terá recompensado mais este último gesto da sua sempre magnânima generosidade.

Daqui lhe dizemos bem alto, em nome da cidade e dos confrades que lhe amou e serviu quando juiz da confraria, o nosso «MUITO OBRIGADO» sempre presente.

P. A.

Todo o mundo cristão festejou em 23 de Abril, S. Jorge, cavaleiro dos mais destemidos e afoitos aos perigos, e criador de maravilhosa história nos tempos em que o Império Deocleciano, cobriu de sangue de mártires a terra, durante a satânica perseguição que moveu aos cristãos.

S. Jorge, para os Escuteiros em geral, tem um culto especial, não obstante as reservas que nos últimos anos a Santa Sé, pôs sobre a origem da sua santidade, que vem de séculos, e como marco milenário perdurou até aos nossos dias.

Para os Escuteiros não é desconhecida a lenda de S. Jorge, soldado das hostes do Imperador, que nunca renegou a sua fé, tornando-se num dos santos mais populares do martirio cristão, venerado em todas as nações católicas desde os tempos do feudalismo e dos maiores Príncipes da Cristandade.

Portugal, já o teve como seu patrono, ecoando o seu grito guerreiro nas mais importantes batalhas que decidiram a sorte do nosso reino.

Atribuem a este santo a lenda da vitória sobre o Dragão do Mal, monstro terrível que depois de ter tragado milhares de corpos de cristãos, se preparava para devorar a Princesa das Rosas, donzela muito apreciada pelas suas virtudes; de repente surgiu S. Jorge, montado no seu cavalo branco, e apeando-se, acto contínuo investiu com a sua lança contra aquele monstro que tantas vítimas havia causado, acabando por o vencer completamente, triunfando assim sobre o espírito do mal.

Os Chefes Escutistas, neste dia, nas suas reuniões e actividades apontaram este santo aos seus rapazes como modelo a seguir pela vida fora, incitando-os a imitar as suas virtudes feitas de heroísmo, virtudes estas que servem de base para uma melhor educação dos jovens que lhes foram confiados.

Meditem pois todos os nossos irmãos de ideal na história de S. Jorge, feita de heroísmo e fé cristã, procurando sempre o cumprimento dos seus deveres, respeitando a Lei e a Promessa que aceitaram de livre vontade, e esforçando-se por se tornarem cada vez melhores, fazendo florescer nos seus corações a flor vermelha que lhes lembra o martírio de S. Jorge.

Chefe Ilídio

## Perdeu-se

Um objecto de ouro na passada terça-feira aqui em Barcelos.

Quem o encontrar era favor de entregar nesta redacção.

## A Quinta da Tapada ou da Capela em Roriz

Por Ilídio Eurico Gomes Ramos

Nesta bem cuidada propriedade abundam árvores frutíferas de boas qualidades, bem como um bem tratado olival que lhe fica a nascente. A mata é importante e bastante extensa, e parte dos terrenos de cultivo que compõem esta quinta situam-se do outro lado do caminho que da Leiroinha vai ligar com o ramal de estrada que conduz à igreja de Roriz.

A capela de Nossa Senhora do Carmo, que lhe fica contigua, é propriedade privativa da mesma quinta, de que nos estamos a ocupar, e não pública, como um consagrado escritor barcelense escreveu numa das suas mais importantes obras monográficas. Edificou a no século XVII o capitão Francisco José Pereira do Lago, e sua esposa, D. Maria Bernarda Rosa da Silva.

Aquando duma visita pastoral à freguesia de Roriz, o visitador chamou a atenção dos proprietários para a irregularidade da pedra de ara do seu altar principal, pelo que mais tarde a dita D. Maria Bernarda requereu licença eclesiástica para executar a sua substituição, licença essa que lhe foi concedida por provisão passada em Braga pela Curia Arquiepiscopal, por documento de 15 de Março de 1760, pelo Rev. Dr. Miguel Luiz Teixeira da Cunha, por mandado de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz, que então governava a Arquidiocese, e que pelo selo branco de suas armas concluímos ser parente aproximado dos reis de Portugal.

O tecto desta capela, actualmente de cal e ge so pelas obras nele feitas e terminadas em 26 de Maio de 1893, foi restaurado por uma dinastia de bons artistas da freguesia de São Salvador do Campo, conhecidos pelo apelido de «Fontes» ou os «da Fonte», ficando uma maravilha. Nele se podem admirar actualmente motivos em alto-relevo, uma coroa real, uma cruz e um cálice de comunhão, tudo bem executado e a primor.

O altar de Nossa Senhora do Carmo, está pintado ao gosto dos últimos séculos com esmaltes de variadas cores, predominando o azul e o verde nas guardiões e motivos vegetais que o cercam, esculturas de anjos e outros feitos e rendilhados que lhe emprestam certo relevo e arte. Este altar possui a particularidade de ser adornado com gavetões onde são guardados os paramentos do seu culto, alguns deles confeccionados em ricas sedas de damasco.

A tribuna é de grande antiguidade,

e nela se encontra a imagem da padroeira desta capela, imagem esta de apreciado valor religioso esculpida no século XVII. Também possui as imagens de Santo António de Lisboa e de Santa Rita de Cássia, que foram objecto de particular devoção dos antigos proprietários e senhores desta quinta.

Tem confessionário e o seu solo, em tempos recuados soalhado a madeira, com o formato de caixotes, parece ter sido lugar de sepultura dos fidalgos da mesma quinta. Julga-se que os seus primeiros donatários foram lá sepultados.

Depois do restauro que esta capela sofreu no século XX, o soalho foi levantado, e depois applicou-se-lhe uma camada de cimento, por ordem dos seus actuais possuidores.

No beiral do telhado da capela, existiu em tempos uma sineta, dali retirada há muito por um dos seus antigos senhores, para evitar que a roubassem. Reza a tradição desta quinta que os senhores da Tapada nela davam um toque especial para chamarem os criados e caseiros que durante o dia se ocupavam nos trabalhos agrícolas da quinta, pois, como as propriedades estavam dispersas por vários terrenos de cultivo, alguns situados a considerável distância do solar, tornava-se necessário chamar o pessoal com o toque da sineta para suspender os trabalhos ao meio-dia e ao cair da tarde.

Por devoção dos seus antigos possuidores, clérigos da maior respeitabilidade que desempenharam elevados cargos na vida sacerdotal, esta capela alcançou vários privilégios e indulgências plenárias, sendo uma delas datada de 1760, e constituída por «40 dias de indulgencias a quem orasse um Pae Nosso, uma Ave-Maria e uma Salve Rainha diante da imagem de Nossa Senhora do Carmo, resado com fervor e particular devoção pela exaltação da nossa santa fé, e pela extirpação das heresias.»

Além das licenças para celebração de missas, esta capela logrou também ordens de confessar e enterrar, licenças estas que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. Gaspar de Bragança, Arcebispo Primaz das Espanhas, lhe concedeu no ano de 1782, a petição de Francisco José Machado Carmona, alvará que ainda existe no arquivo documental da Quinta da Tapada ou da Capela, religiosamente conservado até aos nossos dias.

(Continua)



# PINTOR CÂNDIDO DA CUNHA

(Continuação da página 1)

portanto, do seu temperamento de artista, que tanto se deliciava em captar os aspectos líricos da Natureza. Eis os nomes dalguns desses quadros, que são considerados melhores: Nascer da lua, Ao fim da tarde, Dia de chuva, Paisagem de Outono, Tarde melancólica... «Pintor dos poentes», — assim se costuma designar este artista barcelense, que, aliás, também se dedicou ao género do retrato. Mas foi a Natureza e foram os ocasos do Sol que mais impressionaram a alma do pintor, acerca do qual alguém escreveu: «Eram naturais as suas predilecções pelas cenas crepusculares, que lhe permitiam ampliar poeticamente os coloridos e a grandeza dos aspectos da Natureza. No género, ainda não houve quem lhe sobrepujasse a mestria.»

Afirma-se que a sua obra, profundamente subjectiva, marcadamente pessoal, tem afinidades com a do paisagista francês Cláudio Lorrain. Fazia um desenho puro, tinha firmeza de execução e um colorido de tonalidades doces, de que possuía o segredo.

Algumas vezes vi Cândido da Cunha na sua terra natal, não nas ruas e praças barcelenses, mas nas margens do Cávado, com sua mulher e sua filha, sentado à sombra de grande e copada árvore, respirando o ar fresco da tarde estival e vendo correr as verdes e mansas águas do rio... Vestia de negro e tinha o aspecto de um ser ensimesmado, absorvido em si, vivendo apenas para a sua Arte e para a sua família. A sua presença naquele sítio bucólico da margem direita do Cávado, sem cavalete nem paleta, significava homem, gasto no trabalho da cidade, viera ali em busca de repouso físico e intelectual, mas também que o artista, de tão deli-

cada sensibilidade, demandara o poético lugar para encher o espírito com a delícia da luz crepuscular, com mais um motivo para um desses quadros de tintas elegíacas como os que se encontram no museu de Soares dos Reis, do Porto, ou no museu Grão-Vasco, em Viseu. Pintor de poentes, pintor de saudades, aquela luz de ouro tombando dum céu com panejamentos de nuvens docemente coloridas era a que ele, com efeito, preferia para a vaga melancolia e velados tons dos seus ocasos emocionantes...

Faleceu em 1926, na cidade do Porto, o lírico pintor, quando ainda muito poderia produzir. São significativas as palavras de homenagem que dedicaram à sua personalidade e à sua obra os escritores Jaime de Magalhães Lima e Campos Monteiro, após o seu desaparecimento deste mundo.

Recordado pelos Barcelenses com a colocação do seu nome numa das ruas da sua terra natal, uma homenagem especial e merecida poderia ser-lhe prestada, com a vantagem de ser proveitosa e elucidativa para todos quantos, conterrâneos ou não, quisessem conhecer e apreciar a arte do Pintor. Fica sempre bem uma nota cultural ou artística nas Festas da Cidade, nas suas Festas maiores. Seria impossível efectuar-se por essa ocasião uma exposição, em Barcelos, de todas ou quase todas as obras picturais de Cândido da Cunha, não só as existentes em museus como as de colecções particulares? Evidentemente, uma realização destas implicaria a intervenção decidida e actuante das entidades oficiais. Mas não valeria a pena? Suponho que sim.

Miranda de Andrade

# O Grémio da Lavoura e o seu Relatório de Contas de 1965

(Continuação da página 1)

«Realizável, não exigível, situação líquida passiva, credores por valores de conta alheia, receita conforme artigo tal e tal do decreto n.º tal e tal!»

O que pode esclarecer um procurador pouco mais que analfabeto? Dir-se-á que a culpa não é do Grémio nem da técnica das contas. E tão rica a nossa língua que tem palavras para tudo e todas as mentalidades.

Se não as souberem usar, sempre seria útil uma folha apenas às contas com explicação dos termos, para não acontecer de, ao receber o procurador mais uns papéis pelo correio, os ponha de lado porque nem sequer os entende.

O que desejamos com estes reparos? Só isto: Que se fale ou escreva a homens, consoante a sua preparação intelectual. Que se fale claro, de modo que todos eles entendam e que, por comodismo e ignorância, não tenham de abanar com a cabeça, e, ao fim, alegar-se que está «tudo certo» porque tudo foi «convenientemente» explicado e «aprovado».

Valeria a pena, por desporto senão por função do cargo, perguntar à maioria dos procuradores que ideia fazem das palavras taxadas no relatório. Não queremos culpá-los nem diminuí-los. Se algum fim temos nestas considerações não é, naturalmente, o de ofendêmos outros como estes homens, alguns dos quais, seja dito, nem ligam nada aquilo.

Também não podem culpar-se de não ligarem. O que dizem que vejam o Grémio fazer? O que entendem para que digam ao Grémio como desejariam o seu trabalho?

E, excepcionalmente, sempre nos vamos ocupar duma rubrica, só duma, já que não pretendemos abarcar as outras.

No fim, tratando de encargos regista o «Desenvolvimento da Conta» mil e oito centos escudos de prejuízo apurado nos Serviços de Exploração.

Não é a quantia que nos assusta, como aliás, nada nos assusta. Cuidando de saber em que o Grémio teve prejuízo, tivemos informações de ter sido no cultivo do quintal.

A ser verdade, concordamos plenamente. Já de longa data vimos afirmando que a Lavoura só dá prejuízo. Temos apelado para a compreensão, e já agora para a experiência, dos responsáveis, para se abrirem ao problema, para se absterem de dogmatismos ultrapassados, para se fundamentarem na vida rural inteiramente à margem de dinheiros públicos, e, hão-de ver que temos razão.

Se é facto que se trata de quintal e deu prejuízo terão os sócios ou os dinheiros públicos de cobrir esse prejuízo?

Que prejuízos não têm os sócios na sua lavoura! Pois, se continua a ser a arte de empobrecer!

E note-se que, no caso do Grémio, ainda atenua o uso de apeirias eficazes, a isenção de tributos, quando menos a ele mesmo Grémio, a aplicação de alguns restos de adubos que sempre nas limpezas da casa se poderão varrer. Mas... também pode haver responsabilidade de homens!

Como o comum é de nenhum!... Em qualquer empresa próspera são feitos inquéritos à eficiência de cada funcionário. Consoante os resultados, os trabalhadores, os honestos, os zelosos e argutos são promovidos, dentro da orgânica da unidade; os verbos de encher, os empatas, os complicados, aqueles que têm propensão a dificultar tudo são arredados, sem grandes contemplos e com evidente melhoria dos serviços.

Ora, a mesma praxe deveria adoptar-se com todos os organismos do Estado, de um modo geral, e com alguns Grémios, dum modo especial, começando por cima e acabando na rua. E a ideia é tanto mais do agrado do público quanto foi certo um político brasileiro ter ganho as eleições presidenciais por usar uma vassoura, como lema, nos seus cartazes de propaganda eleitoral. E, no entanto, valia pouco, como depois se verificou; para nós um sacripanta, como um perigo para o povo brasileiro. Mas, encantou o público com a vassoura.

# Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

rias; e, exceptuando a função sobre-natural da salvação, que se liga à morte, todas as restantes funções se ligam à vida e se reduzem, no fim e ao cabo, à produção de alimentos, à sua aquisição, ao seu consumo, para se não perecer.

O fenómeno económico é, basicamente, o conjunto de esforços dispendidos pelos homens para obterem, do meio ambiente em que vivem, os alimentos de que necessitam.

Esses alimentos sairão do espaço que dominam e em que agem.

A par da necessidade primordial de alimentos, há outras necessidades humanas: vestuário e habitação; defesa e higiene; formação e diversões; comunicações e transportes.

Inicialmente, a satisfação de todas estas carências era satisfeita pelos recursos que o meio ambiente, o espaço económico, oferecia.

A multiplicidade de comunicações, a permuta de recursos, o engenho humano e a irresistível marcha da humanidade para conquista da comodidade e conforto, alteraram a origem primordial dos recursos. Hoje, muita necessidade das gentes se satisfaz com recursos provenientes de todos os cantos do mundo, trocados por recursos do espaço que se habita, ou por valores que os representam.

Outros aspectos da vida da sociedade se foram desenvolvendo e, em dado momento, se interpenetram com a actividade económica, deixando-se, mesmo, embeber pelas suas características: o trabalho especializa-se e já não se trocam, somente, recursos e produtos por outros recursos e produtos. Também se trocam por serviços.

Poder-se-á resumir o que foi dito, afirmando que a vida é uma luta tenaz do homem contra o meio ambiente, o espaço económico, buscando explorar as riquezas locais a fim de as utilizar contra a miséria da sua condição, criando segurança contra a fome, a doença, o mal-estar, a ignorância, a desorganização, a desordem, a injustiça.

Este princípio geral também se verifica no espaço económico português.

## Fuga de Capitais

(Continuação da página 1)

Era uma espécie de reforma. Hoje esse número é insignificante, obrigando mesmo os que têm algumas economias, a procurar trabalho, pois, os poucos rendimentos que auferem dessas poupanças, não lhes chegam para viver.

Disto se conclue que o capitalismo não é um mal, antes um benéfico para os povos, quando esse capitalismo não excede certos limites, nem abusa do seu poder. Um capitalismo moderado, condicionando o seu montante de rendimento ao necessário para uma vida normal.

É preciso pois, estudar a fórmula mais capaz de compensar em rendimento os capitais nacionais, libertando-os do colete de forças em que vive, com juros e dividendos limitados, apesar de se verificarem lucros bastante substanciais em certas empresas. E então verificar-se-ia que a fuga do nosso dinheiro estacionaria e seria aqui aplicada, até porque o nosso escudo está relativamente firme e há certa confiança na nossa moeda. Não achamos pois difícil conciliar os interesses de todos, de forma a evitar a fuga do nosso rico dinheiro para outros países, prejudicando, como está a prejudicar, a economia nacional, embora disso se não apercebam os próprios capitalistas que o praticam.

Melhoria de rendimento, quer em papéis e juros bancários, quer nos produtos agrícolas e a solução surgiria naturalmente, sem necessidade de recorrer a medidas repressivas, que não evitarão totalmente o mal. Não será assim?

António Rego

A sua história é a história das suas conquistas económicas, para obter o que é necessário a todos, em todos os tempos e em todas as situações, para que não pereçam.

Só a conquista do pão, deste pão-nosso de cada dia, é uma epopeia.

Desde os tempos remotos em que se cultivavam trigo e centeio e parques produtos hortícolas, frutas, vinho, azeite, Lavoura aliada à criação de gados para mais segurança.

Depois, foi a introdução do milho e da batata, trazidos da América, a plantação da laranjeira, vinda de China, tudo dando mais fortuna, mais abundância e tornando mais variada a alimentação, que se enriquece, ainda, com o cacau, o café, o chá, o açúcar, as frutas exóticas inadaptáveis, como a banana e o ananás, os condimentos, como pimenta e colorau, cravo e gengibre, noz moscada, a canela — e, mais tarde, o tomate, o arroz, que se adapta — e sei lá que mais...

Quanto ao vestuário, aqueles antigos panos de estopa ou cambraia, baetas, buréis, estamenhas, surtobecos e flanelas, foram substituídos, na sua estrutura grosseira por panos mais finos e por novos tecidos, de seda e de algodão, mais acessíveis, mais generalizados.

O carvalho, o castanho, o sobreiro, a nogueira, o pinheiro, viram, a pouco e pouco, madeiras novas a fazer-lhes concorrência, não tanto nas tarefas de sólides, para a construção, mas nas funções mais nobres do mobiliário: já mognos, ébanos, paus-santos vinháticos, importados das terras longínquas, já acácias, plátanos jaracandás e outras espécies adaptadas ao espaço português...

E, noutro campo, sumptuário e artístico — que dizer da catadupa de pérolas e nácares, esmeraldas e topázios, rubis, safiras, gemas preciosas de toda a espécie e qualidade, que afluíam, a pouco e pouco, às mãos dos ourives, cinzeladores e joalheiros?...

Era o fruto da actividade económica no dilatado espaço português, naqueles curtos minutos em que detivemos as rédeas da condução do mundo... A Hora Universal dos Portugueses...

Abstenho-me de falar nos problemas sociais que resultam desta actividade económica, directamente ou por repercussão.

(Continua no próximo número)

## Pinheiros VENDEM-SE

Em Gilmonde, vende-se uma partida de 54 pinheiros, aceitando propostas até ao dia 25 de Maio, o Sr. Manuel Gomes de Barros, na mesma freguesia.

## Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA — DIPLOMADA —

Partos, Injecções, Tratamento  
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172  
Telef. 82485 BARCELOS

## Prédios

Vendem-se dois prédios rés-do-chão e 1.º andar n.º 952 e 970 e uma ilha composta com seis casas, com o n.º 984, na R. Latino Coelho — Póvoa de Varzim.

Informa o Sr. Alberto da Costa Simões, no n.º 1040 da mesma rua.

## Oferece-se

Casal sem filhos, para lavoura, com bastante prática de trabalhos agrícolas, tanto para dirigir como para trabalhar.

Informa esta Redacção.

ALTO-FALANTES

## CASA SOUCASUX

Telefone 82345  
Instalações Eléctricas em todos os géneros  
E  
Grupo Electro-Bombas  
BARCELOS

## EXCURSÕES — 1966

**GRANDE CIRCUITO EUROPEU** — 50 dias de viagem em autopullman. Partidas em 23 de Maio; 11 de Julho; 8 de Agosto e 5 de Setembro.

**DIORAMA DA EUROPA** — 39 dias de viagem em autopullman. Partidas em 22 de Junho e 24 de Agosto.

**EUROPA MARAVILHOSA** — 29 dias de viagem em autopullman. Partidas: **Maio** 7, 14, 21 e 28. **Junho** 4, 11, 18 e 25. **Julho** 2, 9, 16, 23 e 30. **Agosto** 6, 13, 20 e 27. **Setembro** 3, 10, 17 e 24.

Temos vários cruzeiros a bordo do navio espanhol «Cabo de S. Vicente»  
Enviamos programas detalhados destas viagens e preços.

### Agência de viagens «A Poveira»

Praça do Almada, 45 — Telefone 62291 — PÓVOA DE VARZIM

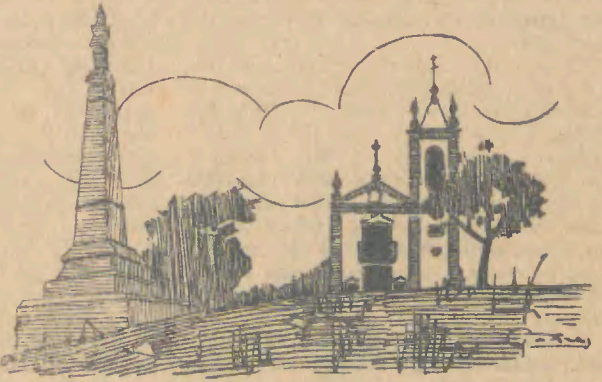
## Pechincha — Móbilias vende-se

POR MOTIVO DE TER DE RETIRAR-SE PARA MOÇAMBIQUE NO PRÓXIMO DIA 20. VENDE-SE MOBÍLIA ESPANHOLA E DIVERSOS OBJECTOS DE VALOR, TUDO MUITO BARATO.

Bairro da Misericórdia, 6 — D.º  
BARCELOS

## Obras na Franqueira

Continua a Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira a receber donativos para Obras de Melhoramentos pela ordem que se segue:



Transporte do n.º 2866 de «O Barcelense» . . . 14.821\$50

Manuel Pereira Gomes . . . . .	10\$00 — S. Martinho
D. Maria Fernanda A. Gonçalves, Família e amigos devotos . . . . .	105\$00 — Barcelos
Jorge Cunha . . . . .	100\$00 — »
J. L. . . . .	100\$00 — Porto

A transportar . . . . . 15.136\$50